

# PRÁTICA DE CONJUNTO COM SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Juliana Bischoff*

Universidade Estadual de Maringá  
*bischoffjuliana@gmail.com*

## Pôster

**Resumo:** O presente artigo aborda questões acerca do ensino de música para alunos surdos, em específico a prática de conjunto. Parte da experiência do estágio supervisionado II, desenvolvido no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial. ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá. Os resultados mostraram o desenvolvimento musical dos alunos e o potencial que eles possuem para fazer música, e como isso impactou a prática de ensino e vivência musical da estagiária.

**Palavras chave:** Música. Surdos. Estágio.

Este texto é referente a uma experiência de prática de conjunto com alunos surdos, atividade desenvolvida no estágio supervisionado em música no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial, em 2016. Este colégio é subsidiado ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá.

A turma atendida foi composta por seis alunos: Bruno, Larissa e Geovana (5 anos), Matheus (6 anos), Gabriel (7 anos). Estas crianças apresentam grau de surdez profunda<sup>12</sup>. Os meninos e uma das meninas têm aparelho de surdez. Tanto a Larissa quanto o Gabriel, além da surdez, apresentavam dificuldades de coordenação motora para movimentação das pernas e locomoção. Geovana e Bruno entraram para a turma no segundo semestre.

Para desenvolver o estágio tive como suporte teórico autores que discutem e estudam sobre música e surdez, tais como: Finck (2009), Silva (2014) e os vídeos de Bonvenuto, um educador musical que desenvolve um trabalho prático com surdos no conservatório municipal

<sup>1</sup> O estágio foi orientado pela Profa Dra Vania Malagutti Fialho.

<sup>2</sup> Pessoa com surdez profunda– indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral. (Saberes, 2006, p.19)

de Guarulhos<sup>3</sup>, e o vídeo da percussionista surda Glennie<sup>4</sup>, onde ela mostra como ouvir. Também lancei mão de textos técnicos sobre surdez, para melhor compreendê-la no nível fisiológico (Apostila Saberes e Prática da Inclusão, 2006).

## PRÁTICA DE CONJUNTO COM SURDOS

A prática de conjunto no ensino de música na escola é uma possibilidade para que o aluno tenha não somente o contato com o instrumento, mas também a vivência da prática musical com os seus pares. Cruvinel (2008) observa que:

[...]para que o ensino em grupo ou ensino coletivo chegue ao contexto escolar, é necessário que educadores e escolas “comprem” a ideia, sistematizando metodologias adequadas para a realidade de cada escola e investindo na capacitação de professores especializados para sua implementação. (CRUVINEL, 2008, p. 9)

O ensino em grupo proporciona ao aluno a prática de aprender juntos, aprender um com o outro, havendo uma troca de experiência entre os colegas, possibilitando uma autonomia quanto ao próprio processo de aprendizado. O ensino coletivo na educação musical colabora para o desenvolvimento da autonomia, pois neste espaço o aluno está sendo preparado para o momento individual. Além disso, o ensino coletivo possibilita uma maior abertura para alunos que possuem maior dificuldade na execução instrumental (FEITOSA, 2011 p.11)

No caso da prática de conjunto com alunos surdos há o desafio de despertar o interesse por essa prática, e de haver sentido em tocar de forma conjunta com os colegas, uma vez que a vivencia do resultado final da música é diferente da do ouvinte. Segundo Silva (2014, p. 12) “ensinar música para alunos surdos é uma tarefa desafiadora se levarmos em conta a

---

<sup>3</sup> Segue link de alguns dos vídeos de Fábio Bonvenuto: Endereço do blog: <http://fabiobonvenuto.blogspot.com.br/>  
O Som do Silêncio a Surdez e a Música: <https://www.youtube.com/watch?v=YNlruhjEdWc>  
Música do Silêncio - Fábio Bonvenuto: <https://www.youtube.com/watch?v=M50lcgAVlJc>

<sup>4</sup> Segue o link do vídeo da percussionista Evelyn Glennie:  
[https://www.ted.com/talks/evelyn\\_glennie\\_shows\\_how\\_to\\_listen?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/evelyn_glennie_shows_how_to_listen?language=pt-br)

questão de que somente o ouvinte pode realizar atividades musicais”. Porém, de acordo com o autor, “ao considerar os demais sentidos, sua cultura e identidade, podemos proporcionar aos surdos momentos de experiências e realizações musicais satisfatórias”.

A vivência musical do aluno surdo se dá de forma diferenciada do ouvinte. Não há dúvidas quanto a capacidade e a sensibilidade que o surdo possa ter em relação a prática musical, porém há que se ter claro que a relação do surdo com a música é diferente. Ela parte da percepção da vibração sonora que consegue sentir no próprio corpo. Geralmente essa vibração é mais fácil de perceber quando está mais próxima do corpo ou com uma grande intensidade, ou seja, na maioria das vezes o instrumento que ele está tocando. Partindo dessa premissa, não se pode esperar que motivação de um aluno ouvinte se adéque ao um aluno surdo. Segundo a percussionista surda Glennie:

[...] Ouvir é basicamente uma forma especializa de toque. O som é, simplesmente ar vibrando que o ouvido colhe e converte em sinais elétricos e que, então, são interpretados pelo cérebro. A sensação de ouvir não é o único sentido que pode fazer isso, o toque pode fazer isso demasiado. Se você estiver em uma estrada e um caminhão grande passar por perto, você ouve ou sente a vibração? A resposta é ambos. Com a vibração de frequências muito graves o ouvido começa a se transformar ineficiente e o resto do sentido de toque do corpo começa a dominar. Por alguma razão nós tendemos a fazer uma distinção entre o ouvir um som e o sentir uma vibração, que na realidade são a mesma coisa. É interessante notar que na língua italiana esta distinção não existe. O verbo “sentire” significa ouvir e o mesmo verbo na forma reflexiva “sentire” significa sentir. A surdez não significa que você não pode ouvir, apenas que há algo errado com o ouvido. Mesmo alguém que é totalmente surdo pode ainda ouvir/sentir sons. (GLENNIE, 2008, citado por Finck, 2009, p.61).

O professor que opta por trabalhar com alunos surdos, deve buscar estratégias que venha ao encontro das necessidades do aluno, quanto sua vivência musical e a prática em conjunto. O surdo desenvolve sua prática musical através da percepção das vibrações das ondas sonoras, ou seja, o tato, também pelo visual e movimentos corporais.

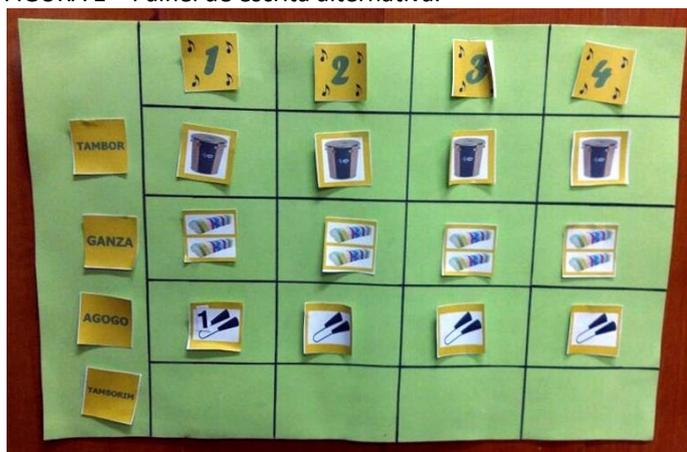
## A EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO

Iniciei a prática de conjunto com os alunos surdos, no final do segundo semestre de 2016. As práticas aconteciam sempre em semicírculo, todos sentados no chão e cada um com um pequeno instrumento de percussão.

Importante mencionar que as atividades desenvolvidas no estágio visavam o contato das crianças com o chão de madeira, proporcionando assim melhor percepção das vibrações das frequências. Todas as aulas são feitas sem os sapatos e muitas vezes elas sentavam no chão e até deitavam. Esta maneira de trabalhar facilitava algumas atividades, logo que Gabriel e Larissa, além da surdez, apresentavam também um problema de coordenação motora. Muitas vezes eles tinham dificuldade de equilíbrio e de coordenação motora, que eram amenizados se estivessem sentados ou deitados. (AUTOR, 2016, p.6)

Para facilitar a compreensão da execução do ritmo, lancei mão de escrita não convencional de música que prioriza imagens coloridas (sobre isso ver BISCHOFF, 2016). O motivo por termos adotado a princípio uma escrita musical alternativa é para facilitar a compreensão do aluno surdo, uma vez que o visual é de extrema importância para o processo de aprendizagem desse aluno. Essa escrita foi feita em um painel de Eva, onde na parte superior são escritos números equivalente aos tempos de um compasso. Na lateral esquerda foi colocada uma imagem com o instrumento que será tocado. Este painel foi fixado na parede, na altura dos olhos dos alunos.

FIGURA 1 – Painel de escrita alternativa.



Fonte: Autor

Para o ritmo simplificado o painel foi bem eficaz. Com a mudança de semestre introduzi novos ritmos: capoeira e baião. Também senti que poderia aumentar o grau de complexidade da execução desses ritmos. Eles responderam bem aos novos ritmos, e individualmente tocaram com desenvoltura. Porém, quando juntamos os instrumentos, a execução em conjunto ficou prejudicada, pois até então a prática em conjunto havia acontecido com a ciranda bem simplificada, com a variação da batida e pausa simples dentro da pulsação. Dessa forma conseguíamos contar os tempos e executar os instrumentos em conjunto.

No caso da prática de conjunto com alunos surdos, o principal desafio, a meu ver, é de como conscientizar os alunos da importância de tocar junto e coordenado. Destacando que estamos em uma turma com surdos e a vivência musical do resultado dos instrumentos sendo tocados ao mesmo tempo, é diferente, tendo o contato direto somente com a vibração produzida pelo instrumento que eles tocam, ou seja, o contato com a vibração do instrumento do colega que está tocando, tudo indica que seja muito pouca.

Com as orientações e as aulas de estágio, tracei estratégias para superar esse desafio. Primeiramente pensei em voltar com a apreciação de vídeos, porém com o foco na prática de conjunto. Traçamos alguns jogos que foquem o conjunto, jogo com bastões que trabalhem pergunta e respostas rítmicas, valorizando o contato visual e a importância de se trabalhar em equipe.

Optei por vídeos curtos, e mostrei para eles duas vezes. Na primeira vez fiz como anteriormente, eles vendo a performance, enquanto eu e a professora da turma, percutia o pulso da música nas costas e ombros deles. Antes de vermos a segunda vez, pedi para a professora que fazia a interpretação em libras, que falasse para eles verem como funciona o trabalho em equipe entre os músicos, pedi que observassem como eles se olham e como tocam os instrumentos simultaneamente, sendo uma grande equipe. Os resultados foram satisfatórios, percebi que eles começaram a entender a importância da prática de conjunto de prestar atenção no que o colega está fazendo.

Com essa apreciação musical voltada para a prática em conjunto, comecei a trazer a ideia de nos olharmos durante todas as atividades das aulas. Essa dinâmica de equipe

funcionou, criou uma cumplicidade entre os alunos para tocar o instrumento de percussão, principalmente entre o Gabriel e o Matheus.

Surgiu outro desafio, a frequência dos alunos nas aulas. Como havia citado logo no começo do texto, a turma era composta de cinco alunos, sendo que dois destes cinco alunos entraram somente no segundo semestre, portanto não participaram das aulas de música que ministrei no primeiro semestre. Além dessa dificuldade, esses dois novos alunos faltavam muito. Também desses alunos que fizeram aula de música desde o primeiro semestre, a aluna Larissa começou a faltar muito, pois teve alguns problemas de saúde. A frequência destes três alunos prejudicou bastante o desenvolvimento da prática em conjunto na turma.

Dentre os alunos que eram frequentes o Gabriel e o Matheus, a da prática em conjunto foi bem satisfatória. Por outro lado, as poucas vezes que a turma estava completa, não conseguíamos desenvolver a prática em conjunto, e os dois meninos que sempre estavam presentes em aula, demonstravam certa irritação.

Não me restam dúvidas de que a prática em conjunto com surdos é totalmente viável. Os momentos em sala de aula que conseguimos formar uma equipe funcionaram muito bem. Meu estágio acabou, e infelizmente nenhum outro estagiário assumiu as aulas de música na instituição.

Tenho que frisar que o aluno surdo leva um tempo maior para aprender e entender essa dinâmica de equipe que a prática de conjunto exige, e como o estágio tem um tempo certo para acabar, não coincidiram com o tempo da turma, isso me frustrou um pouco, pois tínhamos mais coisas para aprender.

### **O que aprendi com o estágio?**

Com essa experiência de estágio de ensino de música para alunos surdos, por meio do ensino em grupo, conclui que é muito restrito pensar que somente ouvintes podem vivenciar uma experiência musical, que a música e a educação musical transcendem questões auditivas no que tange a captação dos sons pelo aparelho auditivo. Que todos pode ter uma experiência

musical independente de sermos ouvinte ou não. Desconstruí preconceitos, e ainda estou em processo de rever o sentido e a minha forma pessoal de vivenciar a música.

Aos poucos fui compreendendo essa cultura e esse universo do surdo, que é bem diferente do meu. A partir desse contato, por consequência, comecei um processo de desconstrução como artista, cantora, professor de música e ser humano.

Pego emprestado as palavras do prof. Bonvenuto: “[...]muitas vezes, os desenhos rítmicos dos surdos parecem mantras. Eles vão se repetindo e você vai sendo absorvido. Eu me sinto recompensado em poder participar desses momentos com eles”.<sup>5</sup>

Realmente, me senti privilegiada de ter participado desse estágio, de ter tido a oportunidade de conhecer uma outra cultura, de presenciar uma forma diferente de vivenciar a música. Também aprendi que a música transcende qualquer tipo de compreensão do que ela é. Vai muito além da minha pequena capacidade de compreender. Ouvir e fazer música é muito mais do que captar o som com a orelha e interpretar esse som, aliás isso tudo não passa de detalhe nesse processo todo. Estou revendo minha relação com a música, despindo de caprichos e vaidades musicais, principalmente no que diz respeito a competições e julgamentos depreciativos do que é diferente de mim ou do que eu gosto. Como Platão afirmou “a música educa a alma” (Platão, 2000; citado por RIBEIRO, 2001). Estou cada vez mais buscando esse sentir, esse toque da música, que os surdos vivenciam.

---

<sup>5</sup> Trecho retirado da matéria concedida a revista Kalunga em 04 de maio de 2011. Ver em: <http://fabiobonvenuto.blogspot.com.br/>

## Referências

FERREIRA, Paulo Roberto Pereira. A Música Como Fator de Inclusão Para Alunos Com Deficiência Auditiva. 2011. Monografia. (Especialização e Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.

FINCK, Regina. Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectiva para a ação pedagógica inclusiva. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

RIBEIRO, Hugo L. Papel da Música na Educação Segundo Platão. Universidade Federal Da Bahia Programa de Pós-Graduação em Música Mestrado em Etnomusicologia. 2001

Saberes e Práticas da Inclusão: avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arqu...> Acesso em: 03/06/2014.

SILVA, Paulo Roberto de Souza. Ensinando e Aprendendo Música com Alunos Surdos: um estudo da experiência de docência em música em uma escola regular de Governador Valadares/MG. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Música na Universidade de Brasília, 2014. Governador Valadares, RS.